

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015, Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Rua Augusto Gil, 35A
1049-043 Lisboa

© 2013, Nelson DeMille
www.nelsondemille.net

Publicado por acordo com Center Street, New York, New York, EUA.
Todos os direitos reservados.

Título original: *The Quest*
Título: *Força Divina*
Autor: Nelson DeMille
Tradução: Isabel Baptista
Revisão: Sérgio Fernandes
Paginação: António Fonseca Tavares
Capa: Vera Braga / Marcador
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-183-4
Depósito legal: 392 597/15

1.ª edição: junho de 2015

NOTA DO AUTOR

Uma versão mais antiga deste livro foi publicada há quase quarenta anos. Quando escrevi *Força Divina*, os eventos históricos que têm lugar neste livro, a revolução etíope e a guerra civil pertenciam à História recente. O velho imperador, Haile Selassie, conhecido como *Leão da Judeia*, tinha sido deposto, morrido na prisão, e a Etiópia mergulhara no caos.

Tendo-me licenciado em história e ciências políticas na faculdade e sendo um viciado em notícias, a Etiópia interessava-me como uma civilização antiga e isolada, quase bíblica, que estava a ser arrastada para o século XX por uma via sangrenta. Além disso, de acordo com a minha história familiar, alguns dos meus antepassados italianos tinham combatido no Exército italiano quando a Itália invadiu a Etiópia, em 1895, e quando Mussolini a tornou a invadir, em 1936. O meu interesse por aquele país foi despertado também por essa história familiar. Pensei que um romance passado neste cenário, em que uma dinastia real com três mil anos chega ao fim às mãos dos revolucionários marxistas, daria uma grande história épica na linha de *Doutor Jivago*, que tinha lido recentemente. Agora, quarenta anos depois, vejo que esta história de guerra, amor e perda é intemporal.

Há sempre alguma liberdade literária quando se escreve um romance, mas os eventos históricos desta narrativa aconteceram mesmo – ou pelo menos aconteceram de acordo com os meios de comunicação da altura, cujas reportagens foram a minha principal fonte de informação quando estava a escrever *Força Divina*. Tomei

de facto algumas liberdades sobre o terreno e a geografia em pro do enredo, mas o país que descrevi em 1975 ainda era bastante desconhecido e perigoso – um cenário perfeito para uma aventura no coração das trevas.

PARTE I

ETIÓPIA, SETEMBRO DE 1974

«O que é isto?

O fantasma de uma Taça que aparece e desaparece?»

«Não, monge! Mas qual fantasma?», respondeu Perceval.

*«A Taça, a própria taça, pela qual nosso Senhor
bebeu na última e triste ceia.*

Esta, que das terras abençoadas de Aromat...

*José de Arimateia trouxe
para Glastonbury...*

*E aí ficou durante algum tempo; e se um homem
a pudesse tocar ou ver, sarava imediatamente,
pela fé, todos os seus males. Mas então os tempos
tornaram-se tão perversos que a Taça Sagrada
foi levada para o Céu e desapareceu.»*

Lord Alfred Tennyson, *O Santo Graal*

CAPÍTULO I

O velho padre italiano acocorou-se ao canto da sua cela e cobriu-se com a enxerga de palha. Lá fora, os tiros da artilharia assoviavam e explodiam na macia terra africana e os estilhaços lascavam as paredes de pedra da sua prisão. De vez em quando, uma bomba rebentava no ar e fragmentos de metal quente furavam o telhado de chapa ondulada.

O idoso padre encolheu-se mais e puxou para si a enxerga ridiculamente fina. O bombardeamento parou abruptamente. O velhote relaxou.

— Porque é que nos estão a bombardear? — perguntou de alto para os seus carcereiros, em italiano. — Quem é que está a fazer isto?

Mas não recebeu nenhuma resposta. Os etíopes mais velhos, os que falavam italiano, tinham ido desaparecendo ao longo dos anos e ele ouvia cada vez menos a sua língua nativa através das paredes de pedra. De facto, apercebeu-se de que já não ouvia uma palavra de italiano há quase cinco anos.

— O que é? — gritou ele, em amárico, e depois em tigrínia: — O que está a acontecer?

Mas não houve resposta. Eles nunca lhe respondiam. Para os carcereiros, ele estava mais morto do que os corpos fétidos que jaziam no pátio. Quando fazemos perguntas durante quarenta anos e ninguém nos responde, isso só pode significar que estamos mortos. Mas o padre sabia que eles não se atreviam a responder. Um tinha respondido, uma vez, quando ele entrara para a sua cela. Teria sido há

quarenta anos? Talvez fossem menos. Os anos eram difíceis de contar. Não se conseguia sequer lembrar do homem que respondera. Só se lembrava do seu crânio. Os carcereiros tinham-lhe dado o crânio do homem. O crânio era a sua taça. Recordava-se do homem e da sua amabilidade de todas as vezes que bebia. E os carcereiros também se recordavam quando lhe enchiam a taça; recordavam-se de não falar com ele. Mas mesmo assim perguntou:

— Porque é que está a haver uma guerra? — gritou novamente.
— Vocês vão libertar-me?

Olhou para a porta de ferro na parede do fundo. Tinha-se fechado sobre um homem novo, em 1936, quando a Etiópia era uma colónia italiana, e nunca mais se abrira desde então. Apenas o pequeno postigo na base da porta de ferro era usado. A sua comida entrava e os seus detritos saíam uma vez por dia, através daquela portinhola. Uma janela, do tamanho de um livro grande — na verdade era apenas uma pedra a menos —, acima do nível dos olhos, deixava entrar a luz, os sons e o ar.

As suas únicas posses na cela, para além do seu *shamma* esfarapado, eram uma bacia, uma tesoura romba que usava para cortar o cabelo e as unhas, e uma Bíblia Sagrada, escrita em italiano, que o tinham deixado guardar quando ele fora aprisionado. Sabia que, se não fosse a sua Bíblia, já teria enlouquecido há muitos anos. Tinha lido o livro sagrado talvez umas cem ou duzentas vezes e, apesar de a sua visão se estar a tornar mais fraca, conhecia todas as palavras de cor. O Velho e o Novo Testamentos davam-lhe conforto e escape, impediam a sua mente de morrer e mantinham-lhe a alma nutrida.

O velhote pensava no jovem que atravessara a porta de ferro em 1936. Conhecia todos os pormenores do rosto do jovem e todos os movimentos do seu corpo. À noite, falava com o jovem e perguntava-lhe muitas coisas sobre a sua Sicília nativa. E conhecia o jovem tão bem, que até sabia o que se passava dentro da sua mente, como se sentia, a escola onde andara, a aldeia onde nascera e a idade do pai dele. O jovem nunca envelhecia, claro, e as suas histórias eram sempre as mesmas. Mas o seu rosto era o único que o velhote conhecia suficientemente bem para se recordar. Tinha visto esse rosto jovem ao espelho pela última vez há quase quarenta anos e desde então nunca mais, a não ser com os olhos da mente. Chorou.

O velho padre secou as lágrimas ao seu *shamma* sujo, encostou-se à parede da cela e respirou fundo. A sua mente acabou por regressar ao presente.

Guerras tinham surgido e terminado em volta da sua pequena prisão e ele imaginava que o mundo teria mudado consideravelmente na sua ausência. Os carcereiros envelheciam e morriam. Os jovens soldados iam envelhecendo enquanto marchavam, ao longo de anos, pelo pátio da pequena fortaleza. Quando era mais novo, conseguia pendurar-se no parapeito da janela durante muito mais tempo. Mas agora já não conseguia reunir energia para se içar durante mais do que alguns minutos por dia.

O bombardeamento tinha despoletado muitas coisas na sua mente. Percebia que o seu cativo estava a chegar ao fim; se as explosões não o matassem, os guardas tratariam disso, sabia que eles tinham ordens para o matarem se já não o conseguissem manter ali preso. E agora conseguia ouvir o barulho dos soldados da guarnição a fugir. Em breve os carcereiros iriam abrir aquela porta que nunca se abria e cumprir o seu dever. Mas não sentia nenhum ressentimento contra eles. Aquelas eram as suas ordens e ele perdoava-lhes. Não importava se seriam eles ou as explosões a matá-lo. De qualquer modo, o seu corpo já lhe estava a falhar. Ele estava a morrer. Havia fome naquela terra e a comida escasseava há mais de um ano. Os seus pulmões faziam um ruído líquido quando tossia. A morte estava a chegar. Dentro da sua cela e fora dela.

O que o velho mais lamentava era ir morrer na ignorância – o facto de que, em consequência das quatro décadas em que tinha ficado isolado, soubesse menos sobre o seu mundo do que o camponês mais simplório. Não lamentava a morte – isso não lhe causava nenhum terror em especial – mas a ideia de morrer sem saber em que é que o mundo se tinha tornado durante a sua ausência era uma coisa particularmente triste. Por outro lado, a sua vocação não era deste mundo, era do próximo, por isso não deveria fazer diferença nenhuma saber em que é que o mundo se teria tornado. Ainda assim, teria sido bom saber apenas um bocadinho sobre os assuntos dos homens. Não conseguia evitar interrogar-se sobre os seus amigos, sobre a sua família e sobre os líderes mundiais do seu tempo.

Apertou mais o *shamma* à sua volta. O sol estava a desaparecer da sua janela e soprava um vento gelado que vinha das terras altas.

Um pequeno lagarto, com a cauda parcialmente cortada por um estilhaço, subia desajeitadamente pela parede, junto à cabeça dele. Lá fora, no silêncio, conseguiu ouvir os soldados a falar em amárico a respeito de quem iria ter de o matar se se tornasse necessário.

Tal como tantos outros homens e mulheres encarcerados e condenados, tal como os santos mártires, a coisa que lhe dava alento durante a sua provação era a mesma que o condenara primeiro que tudo. E o que o tinha condenado era o facto de ter conhecimento de uma coisa secreta. O conhecimento dessa coisa secreta confortava-o e nutria-o. Trocaria de boa vontade mais quarenta anos da sua vida, se os tivesse para trocar, para voltar a ver aquilo que ele tinha visto. Era a sua fé. Os anos na prisão entristeciam-no, porque isso significava que o mundo ainda não a tinha visto. Porque, se o mundo a visse, não haveria mais nenhuma razão para o seu encarceramento solitário.

Desejava muitas vezes que o tivessem matado na altura e que o poupassem a esta morte em vida durante quarenta anos. Mas ele era um padre e aqueles que o tinham capturado, os monges, e aqueles que o tinham prendido, os soldados do imperador, eram cristãos coptas, por isso tinham-lhe poupado a vida. No entanto, os monges tinham avisado os soldados para nunca falarem ao padre, por nenhum motivo, senão a morte seria o seu castigo. Os monges tinham dito ainda aos soldados que eles deveriam matar o padre se o seu cativo e o seu silêncio não estivessem garantidos. Agora, pensava ele, esse dia tinha com certeza chegado. E ele dava-lhe as boas-vindas. Em breve estaria com o seu pai celestial.

Subitamente, a artilharia recomeçou. Ouvia os seus estrondos e explosões em volta das paredes da pequena fortaleza. O artilheiro fez as suas correções e os tiros começaram a acertar com mais exatidão no interior dos muros do complexo. O barulho dos rebentamentos secundários – combustível e munições armazenados – abafavam os sons da artilharia que se aproximava. Do lado de fora da sua janela, o velho padre ouvia homens a gritar de dor. Uma explosão próxima estremeceu a cela minúscula. O lagarto soltou-se e caiu ao seu lado. As deflagrações ensurdecedoras embotavam-lhe o cérebro e desfaziam toda a consciência, a não ser a do lagarto. O réptil estava a tentar coordenar as suas metades parcialmente cortadas, a estrebuchar no chão de terra a vibrar, e ele sentiu pena da criatura. Ocorreu-lhe

que os soldados poderiam abandonar a guarnição e deixá-lo ali a morrer de sede e de fome.

Uma onda de choque levantou um bocado da chapa ondulada do telhado e lançou-a pelo ar, pelo crepúsculo violeta. Um bocado de estilhaço atingiu-o, batendo em brasa na sua face e fazendo-o gritar de dor. O velhote ouviu o barulho dos gritos exaltados do outro lado da sua porta de ferro. A porta moveu-se quase impercetivelmente. O velhote fixou-a. Moveu-se novamente. Conseguia ouvir a sua teimosia enferrujada por cima do rugido do inferno ardente lá de fora. Mas quarenta anos era muito tempo e a porta não cedia. Ouviram-se mais gritos e a seguir o silêncio. Lentamente, o postigo na base da porta inflexível deslizou e abriu-se. Eles vinham aí. Apertou a sua Bíblia contra o peito.

Um etíope comprido e esquelético deslizou pelo postigo para o chão de terra e o velho lembrou-se do lagarto. O etíope pôs-se de pé, olhou para ele e a seguir tirou uma espada curva do seu cinto. À luz fraca, o padre conseguia ver as suas feições finas. Era sem dúvida um amara de origem hamita. O seu nariz adunco e os malares altos faziam-no parecer quase um semita, mas o cabelo negro e liso e a pele escura revelavam-no como um descendente de Ham. Com a cimitarra na mão e o seu *shamma*, tinha um aspeto bastante bíblico. O velho padre achou que era assim que deveria ser, embora não soubesse dizer porquê.

Levantou-se, levando a Bíblia, e os seus joelhos tremiam tanto, que mal se conseguia manter de pé. Notou que a sua boca estava agora muito seca. Surpreendeu o etíope ao avançar na sua direção. Era melhor morrer rapidamente e morrer bem. Uma perseguição pela cela, a esbracejar para se defender dos golpes da cimitarra, teria sido algo grotesco.

O etíope hesitou, sem vontade nenhuma de cumprir o seu dever, e a imaginar agora se o poderia contornar. Mas, ao tirar a palha mais curta, tinha-se tornado o verdugo. O que fazer? O velho padre ajoelhou-se e benzeu-se. O etíope, um cristão da antiga igreja copta, começou a tremer.

— Padre. Perdoe-me — disse ele em mau italiano.

— Perdoo — disse o velhote. Rezou por ambos em fragmentos de latim há muito esquecido. Vieram-lhe lágrimas aos olhos quando beijou a sua Bíblia.

Um tiro soou acima do ruído da artilharia lá de fora, a abrandar. Ouviu um grito. Mais um tiro e a seguir os sons de uma espingarda automática a disparar.

— Os *gallas* estão aqui — disse o soldado, em italiano.

Parecia assustado, achou o velhote, e bem deveria estar. O padre lembrava-se dos *gallas*, uma tribo tão impiedosa como os antigos hunos. Mutilavam os seus prisioneiros antes de os matarem.

O padre levantou o olhar para o soldado que segurava a sua cimitarra e viu que ele estava a tremer de medo.

— Força! — gritou-lhe o velho.

Mas o soldado deixou cair a cimitarra, tirou uma pistola antiga do seu cinto e recuou para a porta, à escuta dos sons lá de fora.

O soldado parecia indeciso, achava o padre, dividido entre ficar na segurança relativa daquela cela ou sair para se juntar aos seus camaradas e enfrentar os *gallas*, que estavam agora no interior da fortaleza. O soldado estava também dividido entre matar o velho padre ou deixá-lo vivo, o que lhe poderia custar a própria vida se o seu comandante descobrisse o que ele tinha feito – ou deixado de fazer.

O velho padre decidiu que preferia uma morte rápida e misericordiosa às mãos deste soldado; os *gallas* não seriam rápidos nem misericordiosos. Levantou-se e disse ao soldado em amárico:

— Dispara. Depressa — apontou para o coração.

O soldado ficou imóvel, mas a seguir levantou a sua pistola. A mão dele tremia tanto, que, quando disparou, a bala saiu para o alto e lascou a pedra por trás da cabeça do velho.

O padre já tinha sofrido o suficiente e a estranha emoção da raiva cresceu dentro de si. Aqui estava ele, ao fim de quase quarenta anos de encarceramento na solitária, e tudo o que queria nos seus últimos momentos era morrer bem e morrer depressa, sem perder a sua fé, tal como tantos outros perdiam nesses últimos segundos. Mas um algoz bem intencionado e incompetente prolongava a sua agonia e ele sentia a fé a fugir-lhe.

— Dispara! — gritou o padre.

Olhou para o cano da arma e viu-o cuspir mais uma chama na sua direção. E pensou na coisa que o tinha condenado. A visão dessa coisa cintilou como o fogo da arma, toda dourada e cegante – brilhante como o sol. A seguir tudo se tornou negro.

Despertou para o milagre de estar vivo. O telhado desaparecera quase todo e ele conseguia ver estrelas minúsculas no céu. Uma lua azulada lançava sombras pelo chão, semeado de madeiras e pedra. Tudo estava estranhamente silencioso. Até os insetos tinham abandonado a fortaleza.

Olhou e tateou à sua volta, à procura da sua Bíblia, mas não a conseguiu encontrar no meio do cascalho e pensou que talvez o soldado a tivesse levado.

O velhote rastejou para a porta e, a seguir, com cuidado, saiu pelo postigo. O soldado estava caído e nu do outro lado da porta e ele viu que os genitais do homem tinham sido cortados. O desnudamento, a mutilação; aquilo era a marca da tribo dos *gallas*. Ainda podiam estar próximos.

O velhote levantou-se, pouco firme. No pátio, corpos nus jaziam ao luar azulado. Ele tinha as entranhas a arder, mas de resto sentia-se bem. Era difícil sentir qualquer outra coisa a não ser sentir-se bem, agora sob o céu, podendo dar mais de cinco passos em qualquer direção.

Uma brisa fria levantou espirais de poeira dos destroços e ele sentiu o cheiro da terra queimada e da morte à sua volta. Os edifícios de betão danificados tinham um brilho branco ao luar, como dentes partidos. Estremeceu e enfiou os braços no seu *shamma*. O corpo dele estava frio e pegajoso. Apercebeu-se de que o *shamma* estava sujo de sangue seco, colado à sua pele, e moveu-se mais devagar para não abrir a ferida.

Tinha sido há quarenta anos, mas ele recordava-se do caminho e foi andando até aos portões principais. Estavam abertos. Atravessou-os, como tinha feito em sonhos cinco mil vezes, e estava livre.

CAPÍTULO 2

O jipe ia devagar e aos solavancos pelo caminho irregular e os seus faróis iam encontrando o trilho por entre a densa vegetação da selva. Ao longe, ouviam-se os estrondos da artilharia, que iluminavam o céu noturno como clarões de relâmpagos distantes.

Frank Purcell ia colado ao volante e esforçava-se para distinguir as sombras distorcidas das árvores nodosas e das trepadeiras enleadas. De repente calçou os travões e a seguir desligou o motor e apagou os faróis.

— O que se passa? — perguntou Henry Mercado, no banco do passageiro.

Purcell levantou a mão a pedir silêncio.

Mercado olhou com nervosismo para a selva emaranhada. Todas as sombras pareciam mover-se. Levantou a cabeça, de cabelos prateados, e ficou à escuta. A seguir espreitou para a escuridão pelo canto do olho, mas não conseguiu ver nada.

Da traseira do veículo aberto, no chão, entre os mantimentos e o equipamento fotográfico, veio uma voz suave e feminina:

— Está tudo bem?

Mercado virou-se no banco.

— Sim, tudo bem.

— Então porque é que parámos?

— Boa pergunta — sussurrou ele. — Porque é que parámos, Frank?

Purcell não disse nada. Ligou o motor e pôs o jipe em movimento. A viatura de tração às quatro rodas avançou com um solavanco para a frente. Avançava mais depressa e as sacudidelas tornaram-se mais fortes. Mercado agarrou-se ao assento. Na parte de trás, Vivian ergueu o seu corpo esguio e sentou-se, a agarrar-se a tudo o que conseguia encontrar na escuridão.

Foram andando durante alguns minutos. Subitamente, Purcell deu uma guinada ao volante para a direita. O jipe atravessou um maciço de arbustos altos e foi sair numa clareira.

— Que raio estás tu a fazer? — perguntou Vivian. — Frank?

No meio da clareira, a cintilar à luz branca da lua cheia, estavam as ruínas de umas termas italianas. Um legado estranho e singular da ocupação italiana. A estância fora construída num antigo estilo romano e estava a desfazer-se como umas termas dos Césares, de outros tempos e lugares.

Purcell encaminhou o jipe para o maior dos edifícios e acelerou. A estrutura estucada tornava-se maior à medida que o veículo ia atravessando a erva alta aos solavancos.

O jipe chegou aos degraus largos à frente do edifício, encontrou tração e subiu. Passou por entre duas colunas caneladas, atravessou o pórtico de pedra polida e entrou, indo parar ao meio do átrio principal daquilo que tinha sido o hotel das termas. Purcell desligou o motor e as luzes. As criaturas noturnas calaram-se todas, mas a seguir retomaram a sua cacofonia de barulhos sem sentido.

A lua brilhava, branco-azulada, através da abóbada do teto destruído, e iluminava a sala pseudo-romana com uma claridade etérea. Enormes frescos a esboroar, com cenas clássicas dos banhos, adornavam todas as paredes. Purcell limpou a cara com a palma da mão suada.

Mercado retomou o fôlego.

— O que foi que se passou?

Purcell encolheu os ombros.

Vivian retomou a compostura e deu uma risada trocista na tra-seira do jipe.

— Acho que o valentão se sentiu nervoso na selva escura.

O sotaque dela era maioritariamente britânico, com uma mistura de pronúncias exóticas. Mercado tinha dito a Purcell que desconhecia qual era a língua nativa de Vivian e que as suas origens eram

igualmente obscuras, no entanto ela tinha um passaporte suíço com o apelido Smith.

— Uma mulher misteriosa — dissera Mercado a Purcell, que tinha respondido: «Elas são todas um mistério.»

Mercado saltou do jipe e espreguiçou-se.

— Saímos da selva, mas não estamos a salvo.

A própria voz de Mercado tinha aquele curioso sotaque híbrido, comum nas pessoas que passaram a vida toda a viajar entre as ilhas britânicas e a América do Norte. A mãe dele era inglesa e o pai era hispânico — daí o apelido —, no entanto tinha passado a maior parte da sua juventude em colégios internos na Suíça e falava francês, alemão e italiano como um nativo.

Frank Purcell abrigou um cigarro na concha da mão e acendeu-o. À claridade do fósforo, parecia mais velho do que os seus trinta e tal anos. Rugas finas instalavam-se em volta da sua boca e dos seus olhos castanhos quase negros. Fios cinzentos salpicavam-lhe o cabelo preto e revoltado, e ele tinha um ar cansado. Recostou-se no assento e soprou uma longa baforada de fumo.

— Que sítio é este, exatamente?

Mercado ia andando de um lado para o outro, pelo chão de mosaico do átrio enorme.

— Umas termas romanas. O que achas que isto parece, meu velho?

— Umas termas romanas.

— Bem, então aí tens. Os cabrões dos fascistas construíram-nas durante a sua missão civilizacional, em 1936. Escrevi um artigo sobre isso, se bem me lembro. Encontramos coisas destas nos sítios menos prováveis. Mas venham daí. Se as nascentes minerais ainda estiverem a correr, vamos tomar um belo banho.

Purcell saiu do jipe com um ar tenso.

— Fala mais baixo, Henry.

— Não posso falar lá muito baixo se eu estou aqui e tu estás aí, pois não, Frank? Venham. Vamos explorar.

Vivian juntou-se a Mercado à entrada de uma colunata que conduzia a um pátio interior. Purcell avançava devagar pelo chão semeado de cascalho. Cinco anos na Indochina como correspondente de guerra tinham apagado qualquer fascínio que em tempos poderia ter tido por ruínas. As últimas ruínas que o tinham convencido a fazer

um desvio para as ir ver eram as da antiga cidade de Angkor Wat, no Camboja, e essa visita custara-lhe um ano num campo de concentração dos Khmeres Vermelhos. Esse ano iria perdurar como uma grande parte da sua vida. Perdera lá, entre outras coisas, qualquer ilusão que poderia ter a respeito do ser humano.

Juntou-se a Mercado e a Vivian, que percorriam devagar a colunata iluminada pelo luar. Havia uma estátua de Neptuno, de tridente erguido, no meio da galeria e tiveram de a contornar. A colunata fazia uma volta de noventa graus e a seguir à curva conseguiram ouvir o barulho suave da água.

— Estamos com sorte — disse Mercado. — Estou a sentir o cheiro a enxofre. As termas devem estar ali à frente.

Vivian subiu a um banco baixo de mármore e olhou para o fundo do pátio.

— Sim, estou a ver o vapor. Ali, por trás daquelas árvores.

Atravessaram o pátio em direção a uma fila de eucaliptos. A área ampla, em tempos pavimentada com pedra branca, fora invadida por líquenes e ervas. Um Janus de duas caras erguia-se de um maciço de sebes e projetava uma sombra monstruosa, pela qual passaram rapidamente. O pátio era rodeado pela colunata e as trepadeiras tinham coberto a maioria das colunas. Estátuas partidas de deuses e deusas romanos salpicavam o pátio. Dava a impressão de ser uma daquelas pinturas fantasiosas que tentavam mostrar qual seria o aspeto de Roma na Idade Média, com pastores e rebanhos a passarem por entre grandes edifícios imperiais com colunas, invadidos pela vegetação.

Passaram por uma fonte seca num jardim nostálgico e por entre dois eucaliptos. À frente deles havia uma balaustrada de pedra que conduzia a uma escadaria curva. Desceram os degraus esboroados. Ao fundo estava uma piscina quadrada com cerca de quarenta metros. Os vapores sulfurosos tornavam o ar quase irrespirável.

Aproximaram-se da piscina. Parecia negra, mas os brilhos do luar roçavam as suas ondulações suaves. Um enorme peixe de pedra cuspiam um manancial interminável de água mineral para a piscina insaciável. O barulho da água a cair fazia eco no edifício dos banhos, ao fundo da piscina.

— Que fedor — comentou Purcell.

— Oh, os ianques — disse Mercado. — Para vocês, tudo tem

de cheirar a desodorizante de sovaco. Estas termas são uma antiga tradição europeia. Isto e as estradas foram as únicas coisas boas que o Mussolini fez por este país.

— As estradas também são uma porcaria — disse Purcell, a esticar os músculos.

Vivian tinha tirado a roupa de caqui. Estava nua à beira da piscina, com a sua pele branca e leitosa a brilhar ao luar, como belo alabastro polido.

Purcell olhou para ela por alguns segundos. Durante os três dias de viagem a corta-mato desde Addis Abeba, ele tinha-a visto nua em todas as paragens balneares. Ao princípio ficara estarrecido com a sua falta de decoro, mas ela insistira em ser tratada sem nenhuma consideração especial.

Mercado sentou-se num banco de mármore cheio de musgo e começou a tirar as botas. Purcell sentou-se ao seu lado, lançando olhadelas a Vivian de tempos a tempos. Calculava que ela não tivesse mais de vinte e cinco anos, por isso teria apenas uns dezasseis quando ele saíra do avião para o turbilhão do aeroporto Tan Son Nhut, de Saigão, em 1965. Sentia-se velho na sua presença. Quem era ela? As suas feições eram bastante caucasianas e a pele era leitosa, mas os seus olhos eram nitidamente amendoados e o seu cabelo negro era longo, liso e espesso como o de alguém do sudeste asiático, ou talvez o de um nativo americano. Mas aqueles olhos amendoados eram verdes-escuros. Purcell imaginava se uma tal combinação seria geneticamente possível.

Vivian levantou os braços e inalou os vapores:

— Realmente isto cheira mal, Henry.

— É refrescante e salubre. Inspira.

Ela inspirou.

— *Graviora quaedam sunt remedia periculis.*

Purcell olhou para Vivian. Não havia dúvida de que aquilo era latim. Era uma nova linguagem no repertório da rapariga.

— Que foi que ela disse? — perguntou a Mercado.

Henry levantou o olhar da sua bota.

— Hã? Oh. «A cura é pior do que a doença» — respondeu ele, enquanto tirava a bota.

Purcell não comentou.

— Não te sintas ignorante, meu velho — disse Mercado. — Ela não

conhece a língua. Apenas uma frase ou duas. Está apenas a exhibir-se.

— Para quem?

— Para mim, claro.

Purcell tirou as botas e olhou para Vivian, que estava de cócoras, a experimentar a água com os dedos.

— Está morna — anunciou ela.

Mercado tirou os calções e foi a chapinhar até à borda da piscina. Purcell notou que o corpo dele mostrava os sinais da idade. Quantos anos poderia ter? Estava aqui na Etiópia durante a invasão italiana de 1935, por isso teria de ter pelo menos 60 anos. Purcell olhou para Vivian e depois novamente para Mercado, a imaginar qual seria a relação deles, se é que havia alguma. Tirou os calções e foi pôr-se ao lado dele.

Vivian, a pouca distância, levantou-se, pôs-se em bicos de pés e esticou os braços para o ar.

— Eis o inferno, eis as trevas, eis o poço sulfuroso; ardente, escaldante, fedorento, destruidor — gritou para o céu. Atirou-se para a frente e as águas minerais negras e mornas fecharam-se silenciosamente sobre ela.

Mercado baixou-se e tocou na água.

— Aquilo foi Shakespeare, Frank. A descrição do Rei Lear para uma vagina, na verdade.

— Espero que não tenha sido a sua frase de engate.

Mercado riu-se.

Purcell mergulhou e foi nadando. A água morna cheirava a ovos podres, mas ao fim de um bocado já não era desagradável. Sentia a fadiga a abandonar o seu corpo, mas o calor estava a deixar-lhe a cabeça zonha.

Mercado baixou o seu vulto grande para dentro de água e começou a nadar.

Purcell flutuava de costas e deixava-se andar à deriva. Sentia-se bem pela primeira vez há vários dias. Talvez semanas. Deixou que a corrente da piscina o levasse e que o vapor o embalasse. À distância, ouvia Vivian na brincadeira e os seus guinchos de alegria animal ecoavam nas estruturas ao redor. Purcell tinha vontade de lhe dizer que não fizesse tanto barulho, mas de qualquer maneira não tinha importância. Notou que o seu membro estava duro. Virou-se ao contrário e nadou em direção a uma plataforma de pedra no meio da piscina. A

plataforma estava coberta por alguns centímetros de água. Subiu lá para cima, deitou-se de costas e fechou os olhos.

Mercado emergiu ao lado dele.

— Estás vivo, Frank?

Purcell abriu os olhos. Distinguiu o rosto de Mercado através do vapor.

— Diz-lhe para fazer menos barulho — disse ele, sonolento. — Vai atrair os *gallas* todos da região para aqui.

— O quê? Oh. Ela está a dormir à beira da piscina, Frank. Eu já lhe tinha dito isso. Estavas a sonhar?

Olhou para o relógio. Tinha passado uma hora inteira.

— Vamos voltar para o jipe, meu velho. Estou preocupado com o motor.

— Certo — Purcell virou-se, nadou com braçadas firmes em direção à borda da piscina sulfurosa e içou-se para fora. Reparou em Vivian a dormir à beira da piscina, enrolada como um feto. Continuava nua.

Mercado olhou em volta.

— Tenho a certeza de que há uma nascente de água potável algures por aqui. Provavelmente além no balneário.

— Eu preferia sair daqui, Henry. Já arriscámos o suficiente.

— Tens razão, claro, mas estamos a cheirar mal.

Purcell sentou-se no banco de mármore coberto de líquenes e limpou-se com o seu casaco de caqui. Mercado sentou-se ao lado dele. A nudez próxima do homem mais velho fazia Purcell sentir-se pouco à vontade.

Mercado escorreu a água do seu cabelo espesso e cinzento e a seguir fez um gesto com a cabeça para Vivian, nua e adormecida.

— Ela deixa-te... desconfortável? — perguntou.

Purcell encolheu os ombros. Mercado não definira qual era a sua relação com a jovem e Frank também não sabia se isso lhe interessava. Mas tinha curiosidade. Tinha a habitual curiosidade profissional de um jornalista, não a curiosidade pessoal de um metedico. Em Addis, aceitara levar Henry Mercado e Vivian Smith até ao noroeste, onde a guerra civil estava mais acesa, e não pedira grande coisa em troca. Mas agora achava que Mercado estava em dívida para com ele.

— Quem é ela?

Foi a vez de Henry encolher os ombros.

— Na verdade, não sei.

— Pensei que ela fosse a tua fotógrafa.

— E é. Mas só a conheci há uns meses. No Hilton, em Addis. Nem sei se ela sabe fotografar ou não. Tirámos carradas de fotografias, mas ainda não revelámos nada. Nem sequer sei se ela está a usar rolos, se queres que seja franco — riu-se.

Purcell sorriu. A lua estava agora abaixo do edifício principal e uma escuridão agradável envolvia as termas. A suave brisa noturna trazia um aroma a flores tropicais e ele sentia-se invadido por algo muito próximo a uma paz interior. Imaginou se estaria a conseguir erradicar a Indochina do seu sistema. A propósito disso, perguntou a Mercado:

— Estiveste na prisão, não foi?

— Não foi na prisão, meu velho. Nós, os presos políticos, não lhe chamamos prisão. Se queres falar sobre isso, usa o termo correto, por amor de Deus. O campo de concentração. Soa melhor. Mais digno.

— Continua a soar a merda.

— O facto de me ter acontecido a mim foi o mais irónico, uma vez que eu era um jovem socialista nessa altura — continuou Mercado.

— Que altura?

— Depois da guerra. Os russos apanharam-me em Berlim Leste. Em janeiro de 1946. Tudo o que eu estava a fazer era a fotografar a bodega de uma fila para o racionamento. Nunca consegui compreender. Havia filas de racionamento por toda a Europa no inverno de 1946. Mas calculo que não era suposto existir alguma no paraíso dos trabalhadores. E os sacanas dos russos estavam no poder apenas há... o quê? Uns nove meses? É difícil erigir um paraíso socialista apenas em nove meses. Foi isso que eu lhes disse. Não é nada pessoal, camaradas, dizia eu. Venceram os alemães honestamente. O que é que interessa se eles têm de ficar na fila para o pão? É bem feito para os nazis. Estás a ver? Mas eles não entenderam lá muito bem o meu argumento.

Purcell assentiu, abstraído.

— Pedi à Reuters que mandasse todos os recortes de imprensa do que eu tinha escrito desde a guerra civil espanhola, em 1936 — continuou Mercado. — Todo o meu melhor material antifascista. Eu até tinha dito muitas coisas simpáticas sobre o bravo Exército Vermelho em alguns desses artigos. Não sei se os desgraçados viram sequer os

meus artigos. Tudo o que eu sei é que fui despachado para a Sibéria. Não saí de lá até 1950, numa troca de prisioneiros qualquer. E não tive nem sequer um pedido de desculpas, nota bem. Um dia eu era o I68AM382 e no dia seguinte era outra vez o Henry Mercado, correspondente da Reuters, de volta a Londres, a receber um bom naco de retroativos. Quatro anos, Frank. E aquilo era frio. Meu Deus, se era frio. Quatro anos por tirar uma fotografia. E eu sendo um bom rapaz socialista de Cambridge. Da Fabian Society e tudo. Trabalhadores do mundo, uni-vos.

Mais uma vez, Purcell não respondeu.

— Quanto tempo é que cumpriste, Frank? — perguntou Mercado. — Um ano no Cambodja? Bem, não podemos fazer comparações só pelos anos, pois não? O inferno é o inferno, e quando lá estamos é uma eternidade, não é? Especialmente com uma sentença ilimitada. Nem sequer podemos contar os dias que ainda nos faltam.

Purcell assentiu.

— Para eles, o que é que nós somos? — perguntou Mercado, retoricamente. — Nada. Informam-te de que a tua mulher morreu? Claro que não. Provavelmente nem eles próprios sabem que tens mulher. Não sabem nada a teu respeito, a não ser que és o I68AM382 e que tens de trabalhar. Então e se a tua mulher estiver a morrer de pneumonia e a penicilina for como o ouro e uma mulher sozinha não conseguir...

Mercado interrompeu-se abruptamente e uma expressão de cansaço surgiu nos seus olhos azuis e húmidos.

— Malditos comunas — disse ele numa voz grave e rouca. — Malditos nazis. Malditos políticos. Não acredites em nenhum deles, Frank. É um bom conselho de um homem mais velho. Todos eles querem o teu corpo e a tua alma. O corpo não é importante, mas a alma é. E essa pertence a Deus, quando Ele a reclamar.

— Henry, sem religião, por favor.

— Desculpa. Eu sou um crente, sabes? Aqueles padres nos campos... Os padres ortodoxos russos. Havia uns quantos pastores batistas, também. Alguns padres católicos, alguns rabis. Estive num campo com muitos religiosos. Alguns estavam lá desde os anos vinte. Mantiveram-me vivo, Frank. Eles tinham qualquer coisa.

— Os lagartos e as centopeias é que me mantiveram vivo no Camboja — Purcell puxou as calças para cima e levantou-se. — Vamos andando.

Afastou-se de Henry Mercado.

Vivian tinha acordado com a conversa deles e passou por Purcell na escuridão. Frank ouviu os sons abafados dos sussurros dela a falar com Mercado. As palavras não se distinguiam, mas o tom era tranquilizador. «Pobre Henry», pensou Purcell. O velho repórter grisalho a ter um momento lacrimoso à frente de uma mulher com metade da sua idade.

Vestiram-se e encaminharam-se novamente para o átrio do hotel às escuras. Mercado, que parecia estar a sentir-se melhor, comentou:

— Vou dar três estrelas a este sítio.

Subitamente, o céu a norte foi iluminado por um clarão tão brilhante que todos pararam e se agacharam.

Levantaram a cabeça e viram foguetes luminosos a explodir no céu noturno. Um ataque de infantaria tinha começado algures nos montes a norte e um dos lados tinha lançado aqueles sóis artificiais para iluminar a área. Ouvia-se agora o fogo das armas automáticas e balas tracejantes verdes e vermelhas riscavam as encostas. Os ruídos abafados, graves e guturais da artilharia desciam até ao complexo das termas e as explosões iluminavam a baixa cordilheira montanhosa como um milhar de fogueiras.

Purcell olhou para os montes ali próximos. Via tochas de iluminação a acenderem-se e a flutuarem para o chão nos seus par quedas. Mesmo depois de tantos anos na Indochina, as imagens e os sons da batalha deixavam-no assombrado. Ficou hipnotizado enquanto as encostas se iluminavam e ressoavam cada vez mais através do ar da noite. Era como se fosse um espetáculo de luz e de som, uma sinfonia em multimédia tocada só para ele.

— Quem é que está a matar quem esta noite? — perguntou Mercado.

— Isso importa?

— Não, suponho que não. Desde que não sejamos nós. Devíamos ficar aqui esta noite — sugeriu Henry.

Vivian concordou.

— Está bem — disse Purcell. — Encontrámos os exércitos. De manhã vamos ver quem é que ganhou a batalha.

Continuaram e entraram no edifício principal. O jipe estava no meio do átrio, parecendo muito exposto. Purcell olhou em volta, à procura de um sítio para onde levar o veículo e passar a noite. Notou

que um dos cantos do átrio sem teto se mantinha às escuras quando os foguetes de iluminação rebentavam. Entre o jipe e o canto escuro havia algum cascalho que caíra do teto, mas passar por cima dele não era uma tarefa impossível para o jipe. Entrou no veículo e começou a empurrá-lo, sem querer ligar o motor e fazer barulho. Vivian saltou para trás do volante e Mercado ajudou Purcell a empurrar.

Quando o jipe se aproximou da zona escura no canto mais afastado, um foguete iluminou o átrio e viram, parado à frente deles, um homem a segurar um crânio.

CAPÍTULO 3

Deitaram-no num saco de dormir entre o jipe e o canto escuro e Vivian deu-lhe sopa fria de lata. Purcell atirou o crânio pela janela.

O *shamma* do homem estava em farrapos, por isso cobriram-lhe o corpo trémulo com uma manta. No recanto, às escuras, não viram o sangue seco no *shamma*.

Não conseguiam perceber quem era ele. Havia muitos etíopes com a pele clara, narizes direitos e feições semítico-hamitas, e muitos usavam barbas como este homem.

Mercado inclinou-se para a frente e perguntou em amárico:

— Quem é você?

— *Weha* — «Água», respondeu ele em amárico.

Mercado deu-lhe água de um cantil e a seguir foi buscar uma lanterna ao jipe e acendeu-a no rosto do homem.

— Não é um etíope. De qualquer maneira, não é amárico. Talvez um árabe da Eritreia. Eu sei um bocadinho de...

— Italiano — disse o velhote.

Fez-se um longo silêncio.

Mercado abaixou-se ao lado dele e disse devagar em italiano:

— Quem é você? De onde é que veio? Está doente?

O velho fechou os olhos e não respondeu.

Purcell tirou a lanterna a Mercado, ajoelhou-se ao lado do homem e olhou para ele. A sua barba estava maltratada e a sua pele não

via a luz do sol há anos. Purcell tirou a mão do velho de dentro do cobertor. A mão estava imunda, mas a pele era macia.

— Acho que ele esteve preso durante uns tempos.

Mercado assentiu na escuridão.

O homem abriu outra vez os olhos e Vivian deu-lhe mais sopa à colher na boca desdentada.

— Está num estado terrível, pobre velhote.

O homem estava a tentar falar, mas os seus lábios tremiam e só saíam sons fracos. Por fim, falou devagar, em italiano. Vivian sentou-se ao pé de Purcell e sussurrou-lhe a tradução ao ouvido, enquanto continuava a alimentá-lo à colher.

— Ele diz que está ferido no estômago.

Purcell tirou a lata e a colher a Vivian e pousou-as. O velhote protestou.

— Diz-lhe que ele não come mais enquanto não nos mostrar a ferida.

Mercado afastou o cobertor e rasgou o *shamma* para os lados. Ligou novamente a lanterna. Uma grande mancha de sangue coagulado cobria a barriga do homem.

— Como é que isto aconteceu? — perguntou ao velhote. — O que foi que causou esta ferida?

O homem encolheu ligeiramente os ombros.

— Uma bala, talvez. Ou a artilharia.

— Vemos isso de manhã — disse Mercado a Vivian e a Purcell. — Não há nada que possamos fazer agora. Deixemo-lo dormir.

Purcell refletiu um momento.

— Ele pode estar morto de manhã, Henry. E nessa altura nunca saberemos. Fala com ele.

— Estou a ver porque é que foste nomeado para um Pulitzer, Frank. Deixa o desgraçado descansar.

— Ele tem a eternidade toda para descansar.

— Não o rebaixes dessa maneira — disse Vivian.

O velhote movia a cabeça de um lado para o outro, como que a tentar seguir a conversa.

Mercado olhou para ele.

— Parece bastante atento, não parece? Vamos tentar saber o nome dele e isso tudo... em todo o caso.

— Força — disse Frank.

Vivian aproximou-se novamente de Purcell e colocou-se ao seu lado.

— Não lhe podemos dar mais comida por causa da ferida no estômago — começou Mercado, em italiano. — Agora tem de descansar e de dormir. Mas, primeiro, diga-nos o seu nome.

O velhote assentiu. Um sorriso ténue passou pelos seus lábios.

— Vocês são boas pessoas. Quem são vocês? — perguntou.

— Jornalistas — respondeu Mercado.

— Ah sim? Estão aqui por causa da guerra?

— Sim, por causa da guerra.

— Americanos? Ingleses? — perguntou o velhote.

— Ambos — disse Mercado.

O homem sorriu e disse:

— Boa gente.

Mercado pousou a mão no braço dele e perguntou:

— Qual é o seu nome, por favor?

— Eu sou... eu sou Giuseppe Armano. Sou padre.

Um longo silêncio pairou na escuridão. Lá fora, os sons da batalha iam esmorecendo lentamente, indicando que toda a gente estava satisfeita com a carnificina daquela noite. De vez em quando, uma tocha acendia-se no ar e flutuava suavemente até ao chão. Quando caía, os barrotes de aço que em tempos sustentavam o teto de betão lançavam uma peculiar rede de sombras sobre o pavimento e a sala era banhada por uma claridade azulada. Mas o pequeno recanto do grande átrio mantinha-se às escuras.

Mercado pegou na mão do velho padre e apertou-a.

— Padre. O que lhe aconteceu?

O velhote crispou-se de dor e não respondeu.

Mercado apertou-lhe a mão com mais força.

— Padre. Consegue falar?

— Sim... sim, consigo. Eu tenho de falar. Acho que estou a morrer.

— Não. Não. Você está bem. Vai ficar...

— Cale-se e deixe-me falar — a velha autoridade sacerdotal surgiu na sua voz fraca. — Levante-me a cabeça.

Mercado meteu um bocado de pedra por baixo do saco de dormir.

— Pronto. Ótimo — o velho padre percebia quando estava na

presença de um crente e mais uma vez tornou-se o líder do rebanho; um rebanho só de um.

Vivian humedeceu-lhe os lábios com um lenço molhado.

Ele respirou fundo e começou:

— Eu sou o padre Giuseppe Armano e pertenço à ordem de São Francisco. A minha paróquia é na aldeia de Berini, na Sicília. Passei os últimos... quarenta anos, acho eu, desde 1936... em que ano é que estamos?

— Em 1974, padre.

— Sim. Desde 1936, quase há quarenta anos. Tenho estado numa prisão. A leste daqui.

— Quarenta anos? — Mercado trocou um olhar com Purcell. — Quarenta anos? Porquê? Porque é que esteve na prisão durante quarenta anos?

— Afastaram-me do mundo. Para protegerem o segredo. Não me mataram porque eu também sou um padre. Mas eles são os velhos crentes. Os coptas. Eles têm o sangue sagrado e o... — a sua voz extinguiu-se e ele ficou imóvel, de olhos fixos no céu.

— Continue — disse Mercado ao padre. — Devagar. Continue devagar.

— Sim... vocês têm de ir a Berini e dizer-lhes o que me aconteceu. Giuseppe Armano. Eles vão lembrar-se. Tenho lá família. Um irmão. Duas irmãs. Será que estão vivos? — as lágrimas vieram aos olhos do velho padre, mas ele insistiu em continuar. Falava agora mais depressa. — Saí da minha aldeia em 1935. Em agosto. Era um dia quente. Um homem apareceu e disse que eu ia para o Exército. *Il Duce* precisava de padres para as suas tropas. Por isso nós fomos... mais alguns padres... e muitos rapazes novos. Andámos debaixo de sol e chegámos a Alcamo. Havia um comboio para nós em Alcamo e depois um barco para Palermo. Eu nunca tinha estado num comboio nem num barco e tive medo no comboio, mas não tanto no barco. E os rapazes, camponeses como eu, alguns estavam assustados, mas a maioria estava excitada. E navegámos no barco até Reggio. E havia um comboio em Reggio e fomos para norte, para Roma... — imobilizou-se e lambeu os lábios secos. Vivian humedeceu-lhos novamente, enquanto traduzia a Purcell.

O velhote sorriu e assentiu a gentileza. Voltou a recusar a sugestão de Mercado para que dormisse.

— Estou muito mal. Tem de me deixar terminar. Sinto o ardor na minha barriga.

— É apenas a comida, padre. Provocou a acidez. Compreende?

— Compreendo que estou a morrer. Esteja calado. Como é que se chama?

— Henry Mercado.

— Henry... muito bem. Fomos então para Roma. Toda a minha vida eu desejava ir a Roma. Agora estava em Roma. Que cidade... já a viu? Toda a gente deveria ir a Roma antes de morrer... Você é católico, Henry?

— Bem, sim, mais ou menos. Sou.

— Ótimo — o padre ficou um momento em silêncio e a seguir continuou: — Fomos levados ao Vaticano... todos os padres da Sicília... éramos doze, recordo-me... ao Vaticano, a um sítio qualquer no Vaticano. Um pequeno edifício próximo da Capela Sistina. Estava lá um cardeal todo vestido de branco. Não nos disse o seu nome e eu lembro-me de pensar que aquilo era falta de educação, mas o que é que eu ia dizer a um cardeal do Colégio Sagrado? Sentámo-nos em cadeiras com belos estofos e ouvimos. O cardeal disse-nos que iríamos acompanhar o exército do Mussolini. Íamos para a guerra na Etiópia. Escutámos com tristeza, mas ninguém disse nada. O cardeal mostrou-nos um envelope, um belo envelope de papel duro, cor de manteiga. No envelope estava o selo de Sua Santidade... o anel do pescador... — o velho padre interrompeu-se e Vivian terminou a sua tradução.

Purcell pensou que o homem tinha desmaiado, mas a seguir ele abriu os olhos e perguntou:

— Quem é que se senta agora no trono de São Pedro? Quantos desde o Pio?

— Três desde o Pio, padre — respondeu Mercado.

— O homem está quase morto e ainda quer saber quem é o chefe — disse Purcell a Mercado. — Escuta, Henry, ele vai fazer-te um milhar de perguntas irrelevantes. Fá-lo voltar à história, por favor.

— Ele está a contar a história à sua maneira, Frank. O homem sofreu. Tu e eu sabemos como ele sofreu. Estas perguntas são importantes para ele.

Vivian pousou a mão no braço de Purcell e disse suavemente:

— Deixa o Henry tratar disto.

Frank resmungou. Mercado disse novamente em italiano:

— Depois do Pio XI foi o Pio XII. A seguir, João XXIII. Você teria gostado dele, padre. Um bom homem. Morreu há onze anos. Agora é o Paulo VI que se senta no trono de São Pedro. Também é um bom homem — acrescentou.

O velho padre fez uns ruídos que soavam como um choro silencioso. Quando voltou a falar, a sua voz estava rouca.

— Sim. Todos homens bons, tenho a certeza. E *Il Duce*? Ainda é vivo?

— Houve uma guerra — respondeu Mercado. — Na Europa. Mussolini foi morto. A Europa agora está em paz.

— Sim. Uma guerra. Podíamos vê-la a chegar, mesmo em Berini. Nós conseguíamos vê-la.

— Padre, viu o que estava dentro do envelope? — perguntou Mercado. — Aquele que o cardeal vos mostrou?

— O envelope...? — fez uma pausa. — Sim. Havia um envelope para cada padre. O cardeal disse que tínhamos de ter sempre o envelope na nossa posse. Nunca poderíamos deixar de o ter conosco... nunca deveríamos mencionar o envelope a ninguém. Nem mesmo aos oficiais. O cardeal explicou que, quando um padre morre no Exército, todas as suas posses são dadas a outro padre. Por isso o envelope ficaria sempre nas mãos daqueles que tinham jurado... nós tivemos de fazer um juramento... de jurar nunca o abrir... mas que iríamos saber quando o abrir. Este cardeal sem nome disse que, como precaução, a mensagem no interior estava escrita em latim, para que, se alguém o abra, tivesse dificuldade em lê-la. O meu latim era mau e lembro-me de ter vergonha disso. O latim não é muito usado por um padre da província. Só na missa. Compreende? Mas a carta estava em latim, por isso, se fosse aberta por engano, seria sem dúvida levada a um padre para que a traduzisse. Este cardeal disse que, se alguma vez a carta chegasse às nossas mãos por essa forma, deveríamos dizer que tínhamos de ficar com ela e de a examinar. A seguir deveríamos escrever uma tradução falsa e queimar a carta — o padre respirou com dificuldade e soltou um gemido.

Vivian terminou de traduzir a Purcell e disse:

— Isto está a ficar interessante. Henry, puxa mais um bocadinho por ele — sugeriu.

— À sua maneira, ele vai contar tudo — respondeu Mercado, secamente.

O padre gemeu novamente. Vivian pôs a mão na sua testa suada.

— Ele tem febre, Henry. Não há nada que possamos fazer?

— Receio que não. Se ele se aguentar até de manhã, podemos chegar a Gondar em algumas horas. Há lá um hospital de missionários ingleses.

— O exército do príncipe Joshua e o exército do Governo Provisório estão a menos de uma hora de distância, naqueles montes — lembrou-lhe Purcell. — Eu não tentaria agora, mas de manhã talvez. Eles devem ter um cirurgião.

Mercado pensou um momento e a seguir respondeu:

— Não sei. Ele é obviamente um fugitivo. Quando descobirmos de quem é que ele fugiu, poderemos decidir onde é que o vamos levar.

— Certo. Mas puxa só um bocadinho por ele, Henry — disse Frank, a imitar as palavras de Vivian.

Mercado virou novamente a sua atenção para o velhote e perguntou-lhe:

— Padre? Consegue continuar?

— Sim. De que é que vocês estão a falar? Eu não posso ir para Gondar.

— Vamos levá-lo a um hospital inglês de manhã — disse-lhe Mercado. — Continue, se se sente...

— Sim. Tenho de terminar. O envelope... ele disse-nos que não o podíamos abrir, a menos, quando chegássemos à Etiópia, que encontrássemos um mosteiro negro na selva. Negro como o carvão, feito de pedra negra, disse ele. Escondido... na selva. Não havia nada como ele em toda a Etiópia. Era o mosteiro dos velhos crentes... os coptas. E neste mosteiro negro havia um relicário, e dentro do relicário estava a relíquia de um santo, disse ele. Um santo importante. Um santo do tempo de Jesus... A relíquia do santo era tão importante, que Sua Santidade queria muito que a relíquia fosse trazida para Roma, para onde ela pertencia, para a verdadeira igreja de Jesus Cristo. Para a igreja de São Pedro.

Vivian traduziu a Purcell, que comentou:

— Não têm já tralha suficiente no Vaticano?

Mercado inclinou-se mais para o padre.

— De que santo? Que tipo de relíquia? Uma madeixa de cabelo? Um osso? Um pedaço das vestes?

O padre riu-se.

— Não era a relíquia de santo nenhum. Consegue imaginar? Um cardeal do Colégio Sagrado a mentir a um grupo de padres rústicos... Sim, nós fomos bem escolhidos para acompanharmos e servirmos a infantaria italiana. Não fizemos perguntas como você está a fazer agora, Henry. Éramos uns simples padres da província. Tínhamos pernas fortes, corações fortes e costas fortes para a infantaria. E não fizemos nenhuma pergunta ao cardeal que nos falou à sombra da Basílica de São Pedro, um homem que não tinha nome, mas que falou em nome de Sua Santidade. Um padre, no entanto, um jovem... perguntou porque é que haveríamos de tirar uma relíquia a um país cristão, mesmo não sendo um país católico. Era uma boa pergunta, não era? Mas o cardeal respondeu que a relíquia pertencia a Roma. Esse padre não veio para a Etiópia conosco — o velhote riu-se baixinho e a seguir soltou um gemido longo e ficou imóvel.

Purcell escutou a tradução de Vivian e disse:

— Está a parecer-me que o padre Armano viu de facto essa relíquia... ou o que quer que aquilo fosse.

Mercado assentiu.

— E provavelmente tentou trazê-la para o papa, de acordo com as ordens — continuou Purcell. — E foi isso que o meteu na pildra durante quarenta anos.

Mais uma vez, Mercado assentiu e comentou:

— É uma explicação possível para o que ele está a contar.

— Pode haver aqui uma boa história, Henry.

Mercado olhou para o padre, que estava agora a dormir ou inconsciente, e disse:

— Este pode ser o final da história.

— Acorda-o — sugeriu Purcell.

— Não — disse Vivian. — Deixem-no dormir.

Purcell e Mercado trocaram olhares, sabendo que o padre poderia não voltar a acordar. Mas o mais velho declarou:

— Se tivermos de ouvir o resto da história deste homem, assim será.

— Invejo a tua fé, Henry — respondeu Purcell.

Vivian olhou para o padre e disse:

— Ele percorreu um longo caminho para nos encontrar e vai terminar a sua história quando acordar.

Purcell não encontrou nenhum argumento para a falta de lógica da fé de Mercado e para o misticismo de Vivian, por isso assentiu e disse:

— Vamos fazer turnos para ficarmos à escuta dos *gallas* e para ver se o velhote acorda ou morre.

— És um homem muito prático — observou Vivian. — Todo cerebral e sem coração.

— Obrigado — disse Purcell.

Mercado ofereceu-se para o primeiro turno e Purcell e Vivian deitaram-se em dois sacos de dormir.

Os dois exércitos nos montes pareciam ter perdido o entusiasmo pela batalha, embora de vez em quando uma rajada de metralhadora rasgasse o ar da noite.

Purcell levantou a vista para o céu negro, a pensar na história do padre e em Henry Mercado. Mercado estava a perceber ou a deduzir qualquer coisa por aquilo que o padre tinha dito, pensou ele.

Pensou também em Vivian, deitada ao seu lado, e visualizou-a nua, à beira da piscina sulfurosa.

Recordou-se de quando a tinha conhecido, a ela e a Henry Mercado, há alguns dias, no bar do Hilton em Addis Abeba. Parecera um encontro casual, e talvez tenha sido, tal como encontrar o padre naquele sítio esquecido tinha sido totalmente inesperado. E no entanto... bem, Vivian diria que era o destino e Henry diria que era a vontade de Deus.

Uma tocha de paraquedas acendeu-se e iluminou o céu. Olhou para ela durante um momento e a seguir fechou os olhos para preservar a sua visão noturna, mergulhando num sono agitado.